



Foto: freepik.com/home

BOLETIM ECONÔMICO **NUPE - UNIFOR**

Vol. 2, N. 4, abril/2021 #12



Universidade
de Fortaleza



BOLETIM ECONÔMICO **NUPE - UNIFOR**

Vol. 2, N. 4, abril/2021 #12

Reitoria

Reitora Fátima Maria Fernandes Veras

Vice-reitoria de Graduação

Henrique Luis do Carmo e Sá

Profa. Danielle Coimbra

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e
Gestão - CCG UNIFOR

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Allisson Martins

Coordenador Curso de Economia UNIFOR / Núcleo de
Pesquisas Econômicas - UNIFOR

Prof. Francisco Alberto Oliveira

Curso de Economia UNIFOR / Coordenador do Núcleo
de Pesquisas Econômicas - UNIFOR

Prof. Maurício Rodrigues

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Nicolino Trompieri

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Ricardo Eleutério

Curso de Economia UNIFOR / Professor

EDIÇÃO

Prof. Wagner Borges

Curso de Jornalismo UNIFOR

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Aldeci Tomaz

Curso de Jornalismo UNIFOR



APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza - Unifor, na sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento”, reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, tem a satisfação de apresentar à sociedade cearense mais um número do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho das economias, no mundo e brasileira, e em especial do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe. Nosso boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

Chegamos a 12^a edição do Boletim Econômico. E essa edição é simbolicamente importante, pois sinaliza a consolidação e aceitação pela sociedade cearense do informativo econômico da Universidade de Fortaleza – Unifor. Nesse número comemorativo, na seção opinião, o leitor encontrará um conjunto de reflexões interessantes sobre o trabalho em “home office”, em um artigo de autoria do professor e coordenador do curso de Administração da Unifor, Dr. Josimar Souza Costa, intitulado: A Quimera do Trabalho Remoto. Os demais tópicos, trazem um panorama da conjuntura internacional; os resultados da atividade econômica do Brasil, Nordeste e Ceará; um tópico específico sobre o mercado de trabalho, elaborado com base nos dados apresentados pela última pesquisa do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED); uma análise da evolução do comércio exterior brasileiro e dos principais estados do nordeste; e, finalizando a presente edição, uma avaliação do posicionamento das empresas cearenses com ações negociadas na bolsa de valores, de acordo com o resultado do Índice de Ações Cearenses – IAC do Núcleo de Pesquisas Econômicas da UNIFOR.

Boa Leitura!

A OPINIÃO:

A Quimera do Trabalho Remoto

Josimar S. Costa^{1*}

A quimera do trabalho remoto tão festejado com a popularização da internet banda larga definitivamente toma forma com a pandemia de coronavírus?

O carnaval de 2020 terminava e notícias apocalípticas sobre a chegada oficial da covid-19 ao Brasil ocupavam todos os noticiários. Os governos estaduais mais impactados e predispostos a escutar, e seguir, os apelos da comunidade científica estruturaram seus gabinetes de crise e a palavra “lockdown” nascia no país.

Para o dicionário Collins, essa forma mais restritiva de confinamento se tornaria no mundo a palavra do ano de 2020. Grosso modo, o famigerado estrangeirismo “lockdown” foi responsável pela adoção generalizada do trabalho remoto e assombra os lares, desde então, como um monstro híbrido entre casa e empresa.

Na mitologia grega, seria o equivalente a Tífon, pai de Quimera, ser híbrido entre leão, cabra e dragão. Quimera aterrorizou Cária, antiga divisão da Ásia menor, lançando fogo pelas narinas para incendiar a cidade.

Entretanto, longe de complexas definições filosóficas espinosanas, esse ente imaginário chamado de trabalho remoto ganha forma durante o período de restrições impostas pelos governos e impacta diretamente na vida das empresas e das pessoas.

Formas de trabalho flexíveis datam da idade média com as casas de trabalho inglesas. O termo teletrabalho foi cunhado por Jack Nilles, há quase cinquenta anos. Nilles, em 2015, disse que a maior barreira para a popularização do trabalho remoto já não era tecnológica, mas sim gerencial. De forma que a irrupção do SARS-CoV-2 provou que ele estava certo.

Nessas circunstâncias o teletrabalho apresentou-se como a única solução para a manutenção das atividades econômicas, com segurança, quando o mundo ainda nada conhecia dos processos de transmissão da covid-19. Assim, as organizações, em todos os seus níveis, tiveram seu cotidiano invadido por novos termos, tais como: acesso remoto, “meet”, “webcam”, “laptops”, “apps”, latido do cachorro, choro da criança, dentre outras TICs.

Em sentido amplo, as oportunidades resultantes da flexibilidade do “home office” podem se refletir no aumento da produtividade com redução de absenteísmo e, sobremaneira, retenção de colaboradores chave. Isso se dá com a possibilidade de um maior equilíbrio entre vida pessoal e profissional, à medida que o ser humano e as empresas se adaptem totalmente a convivência desses dois mundos, outrora imiscíveis.

Além disso, o impacto do trabalho remoto na mobilidade urbana é significativo, contribuindo, assim, para os esforços globais de sustentabilidade para redução das emissões de carbono. Iniciando de tal maneira um ciclo virtuoso com força suficiente para atuar como profilaxia para futuros desastres ambientais, climáticos ou pandemias.

Empresas como HSBC e Microsoft já redesenham seus escritórios para formatos híbridos com redução de espaço de até, aproximadamente, 40% dos existentes antes da pandemia para albergar rodízios de presencialidade. Esses “novos espaços” de socialização acomodarão preferencialmente atividades de direcionamento, inovação, colaboração e formação de redes a, efetivamente, processos operacionais.

Em contrapartida, as ameaças que emergem em conjunto ao modelo híbrido podem ser tão deletérias quanto os benefícios esperados. Ao passo que o trabalho remoto era uma opção individual

¹ * Professor da Unifor.

todas as externalidades positivas apresentadas eram expectativas realizáveis. Contudo, o cenário atual é totalmente diferente. Os colaboradores foram involuntariamente levados a trabalhar em casa, muitas vezes, sem equipamento e treinamento adequados para tal.

Nessa direção, as responsabilidades domésticas misturaram-se com as profissionais exigindo do colaborador muito mais foco e dedicação para o cumprimento de uma epidemia de prazos exíguos e a manutenção da produtividade corporativa e dentro do lar. Outro fator importante nessa equação é a ansiedade diante de uma economia mundial de consistência fugaz e, por conseguinte, da ameaça constante de processos de demissão.

Dentro desse espectro, as companhias precisam dedicar especial atenção ao desmembramento de suas equipes de trabalho em quadros de horários diferenciados. Além disso, uma possível exclusão durante os processos de criação e decisão de membros dos times, enquanto remotos, minam a confiança interpessoal do grupo.

Nesse período, vale salientar, que a crise de confiança entre pares ocorre de forma muito mais evidente com a massificação do trabalho híbrido porque, além dos aspectos psicológicos inerentes a criação de empatia, criou-se um ambiente propício para criação de ruído na comunicação organizacional.

Desta forma as empresas, de uma forma geral, devem adequar suas estratégias para contemplar o trabalho híbrido, nos próximos anos, como uma realidade. Neste caso, há um consenso que estas equipes híbridas precisam ainda mais de objetivos bem definidos, com sincronização, a partir de tecnologias da informação e comunicação, de agendas de trabalhos para compartilhamento de atividades.

Por fim, resgatando a mitologia, a figura do trabalho híbrido se instala, com todas as suas contradições, e os executivos assumem o papel de Belerofonte, que foi o herói responsável por eliminar a Quimera.

Esses líderes têm agora a responsabilidade de implementar processos de comunicação que resgatem a confiança mútua das equipes para potencializar as oportunidades e mitigar eventuais ameaças ao trabalho em casa.

Enfim, o trabalho remoto tornou-se realidade, com todos os atributos que lhe são próprios, e assim como todas as tendências pré-pandemia deve se consolidar no mundo pós-pandêmico.

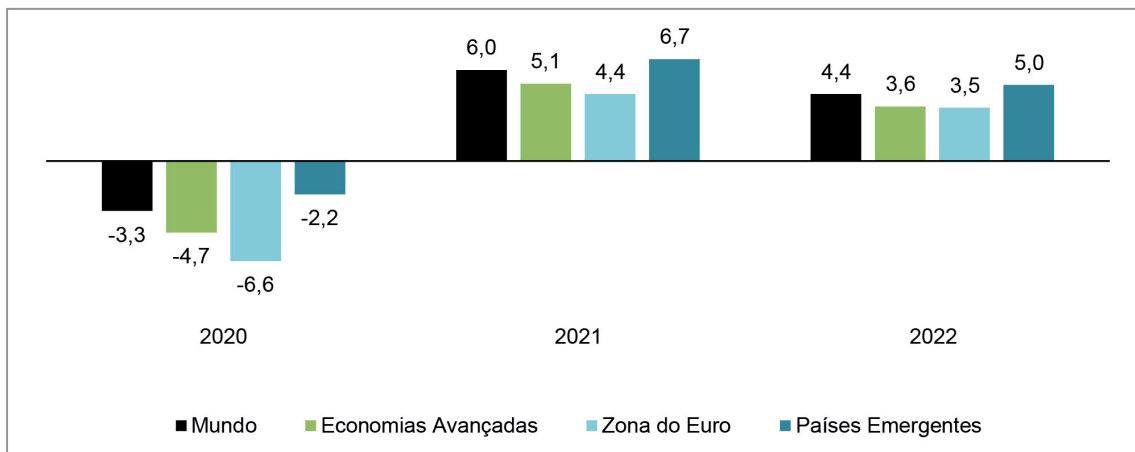
PANORAMA INTERNACIONAL

A atividade econômica global, que atingiu níveis pré-pandemia no último trimestre de 2020, a velocidade da vacinação em andamento nos países mais desenvolvidos, aliada a política de forte apoio fiscal do governo desses países (o senado americano aprovou em agora em março um pacote de estímulo fiscal da ordem de US\$ 1,9 trilhão), geram uma expectativa positiva em relação ao crescimento da economia mundial em 2021.

Em seu último relatório publicado em abril do corrente ano, o FMI prevê que economia mundial cresça 6,0% em 2021, em comparação com a expectativa de 5,5% de sua publicação anterior, e 4,4% em 2022, em comparação a expectativa de 4,2% do início do ano. A previsão de crescimento do PIB das economias avançadas subiu 0,8 ponto percentual, para 5,1% neste ano. Vale salientar, que o desempenho da economia americana (6,0%) e do bloco de países emergentes (6,7%), puxado pela China (8,4%) e Índia (12,5%), tem um peso preponderante na previsão de crescimento mundial do FMI para 2021.

Contudo, a recuperação econômica esperada variará de país para país, dependendo do nível de gravidade da crise de saúde, da necessidade de interrupção das atividades econômicas domésticas e da eficácia das políticas públicas de apoio a recuperação da economia.

Gráfico 1 - Variação do PIB Real (%) – Mundo e Regiões Selecionadas – 2020 a 2022.

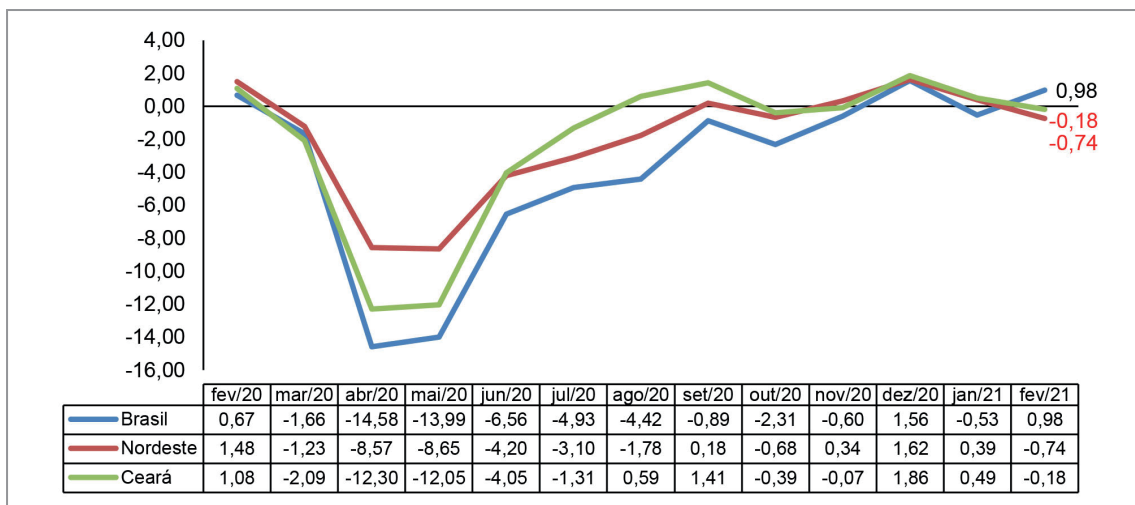


Fonte: FMI. World Economic Outlook Update April 2021.

A ATIVIDADE ECONÔMICA NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Com base no índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC) (Gráfico 2), é possível observar, no decorrer do ano de 2020, os fortes efeitos negativos da pandemia da Covid-19 sobre a atividade econômica, decorrentes do fechamento das atividades econômicas não essenciais para aumentar o isolamento social e frear o processo de contaminação pelo vírus. Os efeitos negativos iniciaram em março e se intensificaram em abril, onde registrou-se fortes quedas no Brasil (-14,58%), Ceará (-12,30%) e Nordeste (-8,57%). A partir de junho pode-se verificar o início da retomada econômica devido às novas regras de flexibilização das medidas sanitárias sendo possível a expansão da atividade econômica, convergindo para taxas de crescimento positivas e levemente negativadas em relação ao início da pandemia. No mês de fevereiro de 2021, a região Nordeste apresentou queda de -0,74%, seguido de uma leve retração na atividade econômica do Ceará (-0,18%), enquanto a economia brasileira apresentou um crescimento de 0,98%.

Gráfico 2 – Crescimento mensal (%) do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC) – mês contra mesmo mês do ano anterior – Brasil, Nordeste e Ceará – fev/20 a fev/21.



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

O Setor Agrícola

De acordo com as estimativas do Conab geradas abril de 2021, a produtividade nacional apresentou crescimento de 2,5%, aumentando a produção total das culturas de soja, milho, arroz, feijão e algodão para 273,8 milhões de toneladas na safra 2020/2021, representando uma elevação de 6,5%, quando comparada com a safra de 2019/2020 (Tabela 1). Já nas estimativas da área de produção o Brasil apresentou elevação de 3,9% na comparação da estimativa da safra 20/21 frente a safra de 19/20. Para a região nordeste é estimada uma produção de 23,4 milhões de toneladas para a safra 20/21, representando um aumento de 1,6% na comparação com a safra de 19/20. A produtividade na região tem estimativa de queda em -1,8% na safra 20/21. Contudo, para a mesma safra, a variação na área produtiva foi positiva (3,4%). A estimativa da produção total do Ceará é de 584,9 mil toneladas para a safra de 20/21, representando uma retração de -26,8% na comparação com a safra de 19/20, enquanto a produtividade (-29,2%) ficou abaixo tanto da média nacional, quanto da região nordestina.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção de grãos – produtos selecionados (*) – safras 2019/20 e 2020/21 (**) – Brasil, Nordeste e Ceará.

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %
Ceará	913,1	943,9	3,4	874,7	619,7	-29,2	798,7	584,9	-26,8
Nordeste	8.187,7	8.469,1	3,4	2.822,5	2.772,8	-1,8	23.109,9	23.483,1	1,6
Brasil	65.924,6	68.503,0	3,9	3.898,6	3.997,0	2,5	257.016,2	273.803,2	6,5

Fonte: Conab. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale; (**) São estimativas geradas pelo Conab em abril de 2021.

O Setor da Indústria

De acordo com os dados da Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF) elaborada pelo IBGE, para o acumulado do ano até fevereiro de 2021, observou-se uma recuperação considerável na atividade industrial no que se refere ao Brasil (+1,3%) e Ceará (+4,9%), enquanto a região Nordeste registrou uma queda de -6,6%. Nas atividades industriais de transformação em que houve crescimento, os destaques são os Produtos têxteis, com +13,1% no Brasil, +20,6% no Nordeste e +28,5% no Ceará. Além disso, a produção de Outros produtos químicos apresentou um avanço significativo no estado do Ceará (+52,8%), ante +12,7% para o Nordeste e +6,8% para o Brasil.

Nos destaques negativos, o segmento Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores teve uma retração de -30,2% no Brasil. Outros dois segmentos, ligados a esta atividade, com desempenhos negativos são o de Veículos automotores, reboques e carrocerias, com resultado de -1,6%, nacionalmente, e -52,9% na região Nordeste, e a atividade Coque de produtos derivados de petróleo e biocombustíveis, com resultado de -4,0% para o Brasil, -19,4% para região Nordeste e -3,4% no Ceará. Ressalte-se também o segmento de Manutenção, reparação e instalação de máquina e equipamentos, com retração de -12,9% em âmbito nacional.

Durante o período de isolamento social, em decorrência da pandemia da Covid-19, houve uma mudança no perfil de consumo das famílias, que gradualmente voltam a consumir produtos e serviços que consumiam antes da crise de saúde. Os impactos negativos no setor têxtil, que já vinha em um longo processo de recuperação, desde 2010, foram atenuados pelo aumento da compra de máscaras de tecido. Por outro lado, os choques na demanda e na oferta dos principais setores eco-

nômicos, como reflexos das medidas de isolamento social, continuaram provocando forte retração no consumo de derivados de petróleo, equipamentos de transporte diversos e automóveis.

Tabela 2 - Variação (%) do volume de produção da indústria geral e das atividades industriais- Brasil, Nordeste e Ceará – Acumulado em 2021 ⁽¹⁾.

Atividades de Indústria	Brasil	Nordeste	Ceará
Indústrias de transformação	1,9	-6,3	4,9
Produtos alimentícios	-5,1	-10,0	-18,5
Bebidas	-2,7	22,3	9,5
Produtos do fumo	5,4	-	-
Produtos têxteis	13,1	20,6	28,5
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	4,5	3,1	4,3
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	1,7	6,6	18,2
Produtos de madeira	5,6	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	4,5	9,3	0,0
Impressão e reprodução de gravações	4,3	-	-
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-4,0	-19,4	-3,4
Sabões, detergentes, produtos de limpeza, cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	-1,0	-	-
Outros produtos químicos	6,8	12,7	52,8
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	2,4	-	-
Produtos de borracha e de material plástico	8,3	1,5	-
Produtos de minerais não-metálicos	10,9	8,3	14,4
Metalurgia	6,1	0,3	-10,8
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	13,2	0,3	15,2
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-4,5	-	-
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	9,8	3,8	-14,9
Máquinas e equipamentos	18,1	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-1,6	-52,9	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	-30,2	-	-
Móveis	5,5	-	-
Produtos diversos	4,0	-	-
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	-12,9	-	-
Indústrias extrativas	-3,0	-9,7	-
Indústria geral	1,3	-6,6	4,9

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) Variação acumulada de janeiro/2021 a fevereiro/2021 (Base: igual período do ano anterior).

O Setor de Serviços

Segundo a Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS) do IBGE, em relação à variação acumulada de janeiro a fevereiro de 2021, observa-se que o setor de serviços brasileiro apresentou uma retração de -3,5%. No tocante aos grupos de atividades que compõem este setor, apenas Serviços de informação e comunicação (+2,1%) registrou crescimento, tendo os demais grupos apresentado retração, evidenciando-se o grupo Serviços prestados às famílias (-28,1%). Tais declínios ainda são reflexos dos impactos da atual pandemia de Coronavírus, mas especificamente das medidas adotadas para minimizar a circulação do vírus, baseadas em restrições de funcionamento dos serviços e isolamento social, consequentemente influenciando nos hábitos de consumo.

Dentre as subatividades que registraram variações positivas, destacam-se aquelas ligadas ao setor de tecnologia e transportes, como Serviços de Tecnologia da Informação (+15,5%) e Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio (+7,4%).

Tabela 3 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades – Brasil e Estados selecionados – Acumulado em 2021 (1).

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Serviços prestados às famílias	-28,1	-35,0	-22,2	-23,2
Serviços de alojamento e alimentação	-28,4	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	-26,1	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	2,1	0,9	-7,1	-5,6
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	4,9	-	-	-
Telecomunicações	-0,9	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	15,5	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-18,3	-	-	-
Serviços profissionais, administrativos e complementares	-5,0	0,7	-6,3	-10,3
Serviços técnico-profissionais	5,1	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	-8,4	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-2,2	-10,5	-11,0	-14,6
Transporte terrestre	-4,7	-	-	-
Transporte aquaviário	4,9	-	-	-
Transporte aéreo	-26,6	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	7,4	-	-	-
Outros serviços	-0,9	-19,9	-7,8	-4,1
Total	-3,5	-9,9	-10,6	-13,0

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Notas: (1) Variação acumulada de janeiro/2021 a fevereiro/2021 (Base: igual período do ano anterior). (2) O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

Com relação aos estados nordestinos analisados pela PMS, o Ceará apresentou uma queda de -9,9% no acumulado do ano até fevereiro de 2021, enquanto Pernambuco e Bahia apresentaram declínios de -10,6% e -13,0%, respectivamente. Dentre os grupos de atividades das unidades federativas, seguindo a tendência nacional, os Serviços prestados às famílias foram os mais negativamente impactados, com Ceará (-35,0%) apresentando o maior declínio, seguido por Bahia (-22,2%) e Pernambuco (-23,3%). Apenas Serviços de informação e comunicação (+0,9%) e Serviços profissionais, administrativos e complementares (-0,7%) cearenses contabilizaram desempenhos positivos no acumulado do ano até fevereiro de 2021.

Pelo fato de depender, em grande medida, do contato presencial com os consumidores, da mesma forma que as atividades de serviços foram duramente afetadas pela restrição de mobilidade, espera-se que com o avanço da vacinação esse setor também apresente uma recuperação mais acelerada e sustentada ao longo deste ano.

A Atividade do Comércio

Sendo uma das atividades mais importantes do setor de serviços, o comércio é analisado de maneira separada através da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE. De acordo com essa métrica, o comércio varejista brasileiro no acumulado do ano até fevereiro de 2021 registrou um decréscimo de (-2,1%), conforme a Tabela 4, sendo o Ceará o Estado com maior queda (-5,3%), seguido pela Bahia (-3,8%). Em direção oposta o estado de Pernambuco apresentou um crescimento de 1,7%.

Tabela 4 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados – Acumulado em 2021⁽¹⁾.

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	-2,1	-5,3	1,7	-3,8
Combustíveis e lubrificantes	-9,1	-2,0	-2,5	-3,4
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-1,7	-3,8	-5,0	-8,7
Hipermercados e supermercados	-0,4	-3,1	-5,8	-5,6
Tecidos, vestuário e calçados	-19,9	-20,9	-9,1	-23,8
Móveis e eletrodomésticos	-2,5	-2,2	-15,9	16,5
Móveis	0,2	-0,2	-15,6	14,7
Eletrodomésticos	-3,1	-5,8	-16,0	17,4
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	10,9	4,1	36,1	12,1
Livros, jornais, revistas e papelaria	-48,1	-48,9	-19,9	-53,9
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-12,2	8,1	-40,3	-17,0
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	6,2	-10,5	21,5	-4,3
Comércio varejista ampliado	-2,5	-3,8	5,2	-4,4
Veículos, motocicletas, partes e peças	-10,1	-3,3	14,4	-7,5
Material de construção	14,3	5,5	5,5	-1,2

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) Variação acumulada de janeiro/2021 a fevereiro/2021 (Base: igual período do ano anterior).

Em relação ao comércio varejista ampliado, o Brasil registrou uma queda de -2,5%, sendo a variação negativa liderada pela Bahia (-4,4%), seguida por Ceará (-3,8%), enquanto Pernambuco registrou uma alta de +5,2%. Os grupos de atividades com as maiores variações positivas foram: Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos no Brasil (+10,9%), Pernambuco (36,1%), Bahia (+12,1) e Ceará (+4,1%). Outro destaque foi o grupo Material de construção no Brasil (14,3%) e nos estados do Ceará e de Pernambuco (+5,5%).

Por fim, constata-se que a liderança do setor de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos ainda é uma decorrência da pandemia da Covid-19, que gerou um aumento no volume comercial deste setor por todo o Brasil.

O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Conforme os dados apresentados pela pesquisa do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) em relação às movimentações do mercado de trabalho (Tabela 5), é possível observar variações negativas no saldo de emprego no Brasil no período de março até junho de 2020 em razão do aumento da quantidade de desligamentos e da queda da quantidade de admissões em decorrência do isolamento social causado pela pandemia da Covid-19. No segundo semestre de 2020, dada a redução no número de internações e óbitos, e conseqüentemente a redução de restrições nas atividades econômicas não essenciais, verifica-se um aumento na quantidade de admitidos, gerando saldos positivos.

Nos primeiros meses do ano de 2021 percebe-se um comportamento de saldos positivos, com exceção para o mês de março de 2021 no estado do Ceará, onde verifica-se um saldo negativo de 1,6 mil vagas. Este resultado é reflexo do início de uma segunda onda de aumento de contaminações e óbitos da Covid-19, o que acarretou numa imposição de novas medidas de isolamento social, ainda que menos restritivas do que em março de 2020, no período da primeira onda da doença, já que desta vez toda a cadeia do setor industrial cearense permaneceu excluída das restrições.

Em relação ao saldo acumulado do ano de 2021, verificam-se saldos positivos no Brasil (837,1 mil), no Nordeste (69,1 mil) e no Ceará (17,4 mil), porém os efeitos negativos da segunda onda devem ser mais perceptíveis para o mercado de trabalho nos meses de abril e maio de 2021.

Tabela 5 - Evolução mensal de admissões, desligamentos e saldo - Brasil, Nordeste e Ceará (mil pessoas) - março/2020 a março/2021(1)

Período	Brasil				Nordeste				Ceará			
	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%
mar/2020	1.460,1	1.736,4	-276,4	-0,7	176,6	244,4	-67,8	-1,1	33,9	41,5	-7,5	-0,6
abr/2020	656,2	1.616,7	-960,4	-2,4	79,1	228,1	-149,0	-2,4	13,0	48,6	-35,6	-3,1
mai/2020	756,1	1.128,1	-371,9	-1,0	93,3	152,2	-59,0	-1,0	14,8	26,1	-11,4	-1,0
jun/2020	952,5	981,6	-29,1	-0,1	115,4	120,7	-5,3	-0,1	19,4	22,2	-2,8	-0,2
jul/2020	1.161,4	1.023,7	137,7	0,4	150,2	125,3	24,9	0,4	27,9	22,0	5,9	0,5
ago/2020	1.305,7	1.062,4	243,3	0,6	192,2	132,5	59,7	1,0	34,8	23,4	11,4	1,0
set/2020	1.451,7	1.133,4	318,3	0,8	228,0	138,3	89,7	1,5	37,9	25,7	12,2	1,1
out/2020	1.618,0	1.226,5	391,5	1,0	218,5	149,7	68,8	1,1	43,8	27,9	15,9	1,4
nov/2020	1.601,2	1.203,1	398,1	1,0	213,4	145,7	67,7	1,1	40,5	25,6	14,9	1,3
dez/2020	1.286,0	1.392,8	-106,8	-0,3	169,5	174,7	-5,2	-0,1	30,5	27,8	2,7	0,2
jan/2021	1.596,9	1.339,1	257,8	0,7	207,8	181,3	26,5	0,4	40,7	33,1	7,5	0,6
fev/2021	1.735,7	1.340,5	395,2	1,0	218,2	180,4	37,8	0,6	43,7	32,4	11,4	1,0
mar/2021	1.608,0	1.423,9	184,1	0,5	197,3	192,5	4,8	0,1	34,7	36,3	-1,6	-0,1
Acumulado do Ano	4.940,6	4.103,5	837,1	2,1	623,3	554,3	69,1	1,1	119,2	101,8	17,4	1,5
Acumulado dos últimos 12 meses	15.729,5	14.871,7	857,8	2,2	2.082,9	1.921,5	161,4	2,6	381,6	351,1	30,5	2,6

Fonte: Novo Caged – SEPR/ME. Elaboração: NUPE/UNIFOR

Notas: (1) Dados do Novo Caged com ajuste para 2020 e 2021. (2) A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior, sem ajustes.

O COMÉRCIO EXTERIOR NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Os dados apresentados na tabela 6 permitem analisar o posicionamento do comércio exterior em 2021, no mês de março, acumulado do ano até março de 2021 e no acumulado dos últimos 12 meses, comparados com o mesmo período de ano passado, tanto para o Brasil, como também para o Nordeste e Ceará. No acumulado do ano nota-se que as exportações brasileiras apresentaram uma elevação significativa de +15,7%. Nas importações o crescimento foi um pouco menor, +5,4%, en-

quanto a corrente comercial cresceu +10,7%. Já o saldo comercial, registrou um forte crescimento de +183%, gerando um superávit de US\$ 7,9 bilhões.

Em relação ao acumulado do ano para o Nordeste, as exportações apresentaram um aumento de 2,9%, porém as importações mostraram-se em queda de -1,7% e na corrente comercial, não houve percentual de variação. Sendo assim, o saldo comercial apresentou um déficit de -1,27 bilhões. Já para o acumulado do ano no Ceará, percebe-se queda nas exportações (-21,4%), aumento nas importações (+12,7%), enquanto a corrente comercial não apresentou variação (0,0%). Por fim o saldo comercial registrou uma forte queda de -170,6%, implicando num déficit de US\$ 319 milhões.

Tabela 6 - Volume de exportações, importações, saldo e corrente da balança comercial (R\$ milhões) – Brasil, Nordeste e Ceará ⁽¹⁾

País / região e estado	Exportações		Importações		Saldo		Corrente Comercial	
	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%
Brasil								
Mar. 2021/ Mar. 2020	24.386	33,2	17.858	25,2	6.528	61,4	42.244	29,7
Acumulado do Ano	55.649	15,7	47.742	5,4	7.908	183,2	103.391	10,7
Acumulado 12 meses	216.731	-1,3	161.222	-13,4	55.509	65,6	377.953	-6,9
Nordeste								
Mar. 2021/ Mar. 2020	784,8	4,2	1.235,9	22,8	-451,2	77,8	2.021	14,8
Acumulado do Ano	1.956	2,9	3.227	-1,7	-1.270	-8,1	5.183	0,0
Acumulado 12 meses	8.327	-4,8	10.357	-27,0	-2.029	-62,7	18.684	-18,6
Ceará								
Mar. 2021/ Mar. 2020	196,5	-7,2	304,8	18,7	-108,3	-140,7	501	7,0
Acumulado do Ano	435	-21,4	753,9	12,7	-319	-176,7	1.189	-0,0
Acumulado 12 meses	1.735	-23,6	2.499	-2,1	-764	-170,6	4.233	-12,2

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

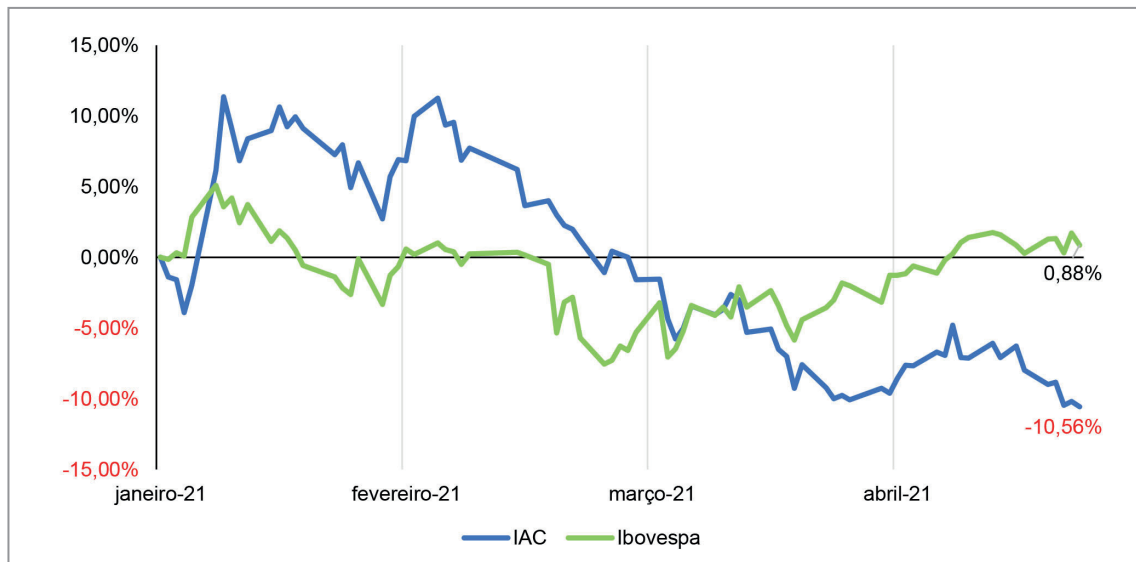
Nota: (1) Acumulado do ano de janeiro/2021 a março/2021, enquanto as variações são comparadas com o mesmo período de 2020.

ÍNDICE DE AÇÕES CEARENSES (IAC)

Conforme o Gráfico 3, o Índice de Ações Cearenses (IAC), que mede o comportamento das ações das empresas cearenses registradas em bolsas de valores, finalizou os quatro primeiros meses do ano com queda de -10,56%, enquanto o Ibovespa se manteve em uma pequena alta de (0,88%). Pode-se constatar que desde o início de fevereiro de 2021, o IAC apresenta uma tendência de queda, registrando retornos acumulados negativos a partir do 15º dia de março, enquanto o Ibovespa apresenta uma certa estabilidade, porém, com retornos acumulados negativos desde o começo de fevereiro. Entretanto, constatamos que o índice Ibovespa obteve uma recuperação no final do mês de abril, buscando os 120 mil pontos.

A combinação dos contextos epidemiológico, econômico e político no mês de abril resultou em um cenário agitado, interferindo diretamente no mercado de ações. Na esfera epidemiológica, a alta do número de casos e óbitos, iniciada em março, manteve-se no mês de abril, resultando no retorno de medidas restritivas de atividades econômicas não essenciais. Na política, a anulação dos julgamentos do ex-presidente Lula no qual gerou-se uma expectativa de mudança para o cenário eleitoral de 2022, também afetou o comportamento do mercado de ações.

Gráfico 3 – Retorno diário do IAC e do Ibovespa – abril de 2021.



Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/Unifor.

Observando as empresas pertencentes ao IAC (Tabela 7), em abril de 2021 o grande destaque positivo foi a Coelce (COCE3) (+29,8) apresentando também o maior retorno acumulado nos últimos 12 meses (+79,29%). Os outros destaques positivos no mês de abril foram: Page Menos PGMN3 (+6,20%), Grendene GRND3 (+3,40%), Coelce COCE5 (+2,90%) e Aeris AERI3 (1,80%). Por outro lado, os destaques negativos foram M. Dias Branco MDIA3 (-13,30%), Arce ARCE (-4,0%), Hapvida HAPV (-3,20%) e Banco do Nordeste BNBR3 (-1,50%). No acumulado do ano, até abril de 2021, somente a Pague Menos alcançou variação positiva, de 6,4%. As maiores baixas foram registradas na Arce (-24,90%), M. Dias Branco (-21,80%), e Aeris (-10,0%).

Tabela 7 - Retornos do Ibovespa e das empresas contidas no IAC – Abril de 2021.

Tickers	Retorno mensal (%)	Retorno acumulada no ano (%)	Retorno acumulado dos últimos 12 meses (%)	Participação mensal (%)
Ibovespa	1,94%	-0,10%	47,68%	-
IAC	-1,94%	-11,81%	-4,77%	100,00%
PGMN3	6,20%	6,40%	4,35%	4,40%
GRND3	3,40%	-2,50%	17,22%	6,40%
COCE5	2,90%	-4,30%	16,29%	3,20%
HAPV3	-3,20%	-5,60%	37,30%	43,80%
BNBR3	-1,50%	-8,00%	-8,87%	3,80%
COCE3	29,80%	-8,40%	79,29%	3,60%
AERI3	1,80%	-10,00%	35,34%	5,20%
MDIA3	-13,30%	-21,80%	-16,81%	6,50%
ARCE	-4,00%	-24,90%	-49,13%	23,10%

Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/UNIFOR.

* Data de referência: 30 de abril de 2021.

** Retornos ajustados a dividendos e desdobramentos.

Autores:

Alysson Inácio de Oliveira
Amanda Viana Bessa Luz
Catherine dos Santos Rodrigues
David Kinelski Chaves Oliveira
Gabriel Torquato Batista
Gabrielle Ban Bacarin
Guilherme Mariano Mendes de Oliveira
Juliana Almino de Saboia
Lorena Sales de Oliveira
Lucas Uchoa de Oliveira
Ricardo Cavalcante Sátiro Filho
Yargo Nobre Castelar

